

Laçla

COLLEEN HOOVER

Tradução de
Priscila Catão

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

A entrevista

Antes de descer, cobri a boca de Layla com duas camadas de fita adesiva, mas ainda consigo escutar seus gritos abafados enquanto o detetive se senta à mesa.

Ele tem um daqueles gravadores antigos que se costuma ver em filmes dos anos 1980. O aparelho possui cerca de 25 centímetros de comprimento e 15 de largura, com um grande círculo vermelho no botão esquerdo. Ele o pressiona junto com o botão de play e desliza o gravador para o centro da mesa. Os carretéis da fita cassete começam a girar.

— Diga seu nome, por favor — diz ele.

Limpo a garganta.

— Leeds Gabriel.

O compartimento de pilhas está colado com fita adesiva velha nos lados do aparelho. Acho meio engraçado. Quer dizer que essa máquina extremamente ultrapassada vai gravar todas as palavras que estou prestes a dizer, e isso vai adiantar de alguma coisa?

Neste momento, estou a ponto de desistir. Não há luz no fim do túnel. Não sei nem sequer *se* o túnel tem um fim.

Como vou escapar desta quando as coisas saírem tanto do controle? Estou conversando com um detetive que conheci pela internet enquanto minha namorada está lá em cima, surtando.

Como se ela soubesse que pensei nela, o barulho aumenta outra vez. No andar de cima, a cabeceira de madeira atinge a parede, criando um eco sinistro na mansão vazia.

— Então, por onde quer começar? — pergunta o homem. Parece que ele vai conseguir trabalhar mesmo com o barulho, já eu, não sei se sou capaz. Não é tão fácil ignorar o fato de Layla estar sofrendo por causa das minhas ações. Cada som que vem lá de cima faz com que eu me contraia. — Que tal começar me contando como vocês se conheceram? — sugere ele.

Não gosto de perguntas que sei que não vão levar a lugar nenhum, mas, a esta altura, é melhor ouvir minha própria voz do que os gritos abafados de Layla.

— A gente se conheceu aqui, no verão passado. Este lugar era uma pousada. Eu era o baixista da banda que tocou no casamento da irmã dela.

O homem não responde. Ele se recosta na cadeira e me encara em silêncio. Não sei mais o que dizer. É para eu entrar em detalhes?

— O que isso tem a ver com o que está acontecendo nesta casa?

Ele balança a cabeça enquanto se inclina para a frente, cruzando os braços sobre a mesa.

— Talvez não tenha nada a ver mesmo. Mas é por isso que estou aqui, Leeds. Qualquer coisa pode ser uma pista. Preciso que você se lembre do primeiro dia em que estive neste lugar. O que Layla estava vestindo? Por que vocês dois estavam aqui? Qual foi a primeira coisa que ela disse para você? Algum de vocês percebeu algo de estranho na casa naquela noite? Quanto mais informações você conseguir me dar, melhor. Nenhum detalhe é insignificante.

Apoio os cotovelos na mesa e cubro os ouvidos com as mãos para abafar os barulhos que Layla está fazendo no andar superior.

Não aguento ouvi-la e saber que está tão chateada. Eu a amo demais, mas não sei se consigo revisitar o passado e explicar *porque* a amo tanto enquanto a faço passar por isso.

Tento não pensar em como tudo era perfeito no começo, pois isso só reforça o fato de que é mais do que provável que eu seja o culpado pela maneira como tudo acabou.

Fecho os olhos e penso na noite em que a conheci. Quando a vida era mais fácil. Quando a ignorância era mesmo uma bênção.

— Ela era uma péssima dançarina. Foi a primeira coisa que notei nela...

1

Ela é uma péssima dançarina. É a primeira coisa que noto nela enquanto estou no palco, tocando para uma plateia que se dispersa. Seus braços são longos e ela parece não ter ideia de como controlá-los. Está descalça, movendo-se pela grama, batendo os pés de propósito, sem um pingo da delicadeza que a música exige. Balança a cabeça descontroladamente, e seus cachos pretos indomáveis vão para a frente e para trás como se ela estivesse dançando uma música de *heavy metal*.

O engraçado é que minha banda toca *country* moderno. Um *country* moderno *sem graça*. Todas as músicas são insuportáveis de ouvir e ainda mais dolorosas de tocar.

É a banda de Garrett.

Literalmente. O nome é *A Banda de Garrett*. Esse foi o melhor nome em que Garrett conseguiu pensar.

Sou o quarto integrante não oficial — o último que se juntou à banda. Toco baixo. Não o contrabaixo que as pessoas respeitam. Baixo elétrico, o instrumento subestimado e invisível que costuma ficar com o membro invisível da banda — aquele que praticamente desaparece no fundo das músicas. Mas não me incomodo em desaparecer no fundo. Talvez seja esse o motivo pelo qual eu prefira o baixo elétrico a qualquer outro instrumento.

Depois de estudar música na Belmont, meu objetivo era ser cantor e compositor, mas não quero ajudar Garrett a escrever essas músicas. Ele não quer ajuda. Não temos a mesma estima pela música, então componho canções para mim mesmo e as guardo para quando eu for confiante o suficiente para lançar um álbum solo.

A banda tem ficado mais famosa nos últimos anos, e, embora haja mais demanda, o que faz nosso preço subir, meu salário como baixista não aumentou. Já pensei em conversar sobre isso com o restante do pessoal, mas não sei se vale a pena, e eles precisam do dinheiro mais do que eu. Sem falar que, se eu tocar no assunto, pode ser que eles sugiram que eu vire um membro oficial e, para ser sincero, odeio tanto as músicas que tenho até vergonha de estar no palco.

Cada show corrói minha alma. Um pedaço aqui, outro ali. Se eu continuar fazendo isso por muito mais tempo, tenho medo de que só reste meu corpo.

Honestamente, não sei o que me prende. Minha intenção nunca foi entrar para a banda de modo permanente, mas sei lá por que não consigo criar coragem para me aventurar sozinho. Meu pai faleceu quando eu tinha dezoito anos, desde então dinheiro nunca foi um problema. Ele deixou uma apólice de seguro de vida considerável para mim e para minha mãe, além de uma empresa de instalação de internet que se autoadministra e com funcionários que preferem que eu não me intrometa nem interfira nas práticas que têm dado certo há anos. Assim, minha mãe e eu nos mantemos a distância e vivemos da renda.

Sem dúvida, sou grato, mas não é algo de que me orgulhe. Se as pessoas soubessem que não preciso fazer quase nada para me

sustentar, não seria respeitado. Talvez seja por isso que continuo na banda. Muitas viagens, muitas madrugadas, muito trabalho duro. Quando me torturo assim, sinto que mereço pelo menos uma parte do que está na minha conta bancária.

Estou no lugar designado para mim no palco, observando a garota enquanto toco e me perguntando se ela está bêbada ou chapada, ou se há alguma chance de estar dançando daquele jeito só para zombar do quanto a banda é ruim. Não sei por que ela está se debatendo como um peixe fora da água, mas ainda bem que está. É a coisa mais divertida que aconteceu durante um show em um bom tempo. Em algum momento, até me pego sorrindo — e só Deus sabe há quanto tempo isso não acontecia. E pensar que eu estava apreensivo em vir para cá.

Talvez seja o clima geral — a privacidade do lugar misturada ao momento pós-casamento. Talvez seja o fato de ninguém estar prestando atenção na gente e de noventa por cento dos convidados já terem ido embora. Talvez seja a grama no cabelo da garota e seu vestido todo coberto de manchas verdes, provocadas pelos três tombos que ela levou no gramado durante a música. Ou talvez seja a seca de seis meses que me obriguei a aguentar depois que terminei com minha ex.

Talvez a combinação de tudo isso esteja fazendo minha atenção se voltar completamente para esta garota em específico. E não é de surpreender, porque mesmo com a maquiagem borrada nas bochechas e alguns dos cachos colados no rosto devido ao suor, ela é a garota mais bonita da festa. O que torna ainda mais estranho o fato de não ter mais ninguém prestando atenção nela. Os poucos convidados que sobraram estão com os recém-casados perto da piscina enquanto tocamos a última música da noite.

Minha péssima dançarina é a única pessoa que ainda está nos escutando quando finalmente paramos de tocar e começamos a guardar os instrumentos.

Ouçõ a garota gritar *bis* enquanto vou para o fundo do palco e guardo o baixo no *case*. Fecho-o com pressa, torcendo para encontrá-la depois que deixarmos os instrumentos na van.

Nós quatro reservamos dois quartos para passar a noite na pousada. São onze horas de carro até Nashville, e ninguém topou dirigir durante a madrugada.

Enquanto Garrett está fechando as portas da van, o noivo se aproxima e nos convida para um drinque. Normalmente eu recusaria, mas estou meio que torcendo para que a péssima dançarina ainda esteja por perto. Ela era divertida. E ver que ela não sabia nenhuma letra me deixou feliz. Não sei se eu ficaria a fim de uma garota que gostasse mesmo das músicas de Garrett.

Encontro-a na piscina, boiando de costas, ainda usando o vestido de madrinha, cor de creme e cheio de manchas de grama.

Ela está sozinha na piscina, então pego uma cerveja, vou até a parte funda, tiro os sapatos e mergulho as pernas na água, de jeans e tudo.

As ondas que surgem no meu lado da piscina a alcançam, mas ela não vira a cabeça para ver quem entrou na água. Simplesmente continua olhando para o céu, tão imóvel e quieta quanto um tronco boiando. Um contraste gritante em relação ao showzinho que deu mais cedo.

Depois de eu observar a garota por alguns minutos, a água cobre todo seu corpo e ela desaparece. Quando suas mãos sobem e separam a água, e sua cabeça emerge na superfície, ela está olhando diretamente para mim, como se soubesse que eu estava aqui o tempo todo.

Ela se mantém na superfície fazendo pequenos movimentos com os pés e ondas com os braços. Devagar, aproxima-se até parar bem na frente das minhas pernas, e fica me encarando. Seus olhos parecem duas lâmpadas minúsculas refletindo o brilho da lua atrás de mim.

De cima do palco, achei que ela era bonita. Mas a trinta centímetros de distância, vejo que é a coisa mais linda que já vi na vida. Lábios carnudos e rosados, uma mandíbula delicada que eu espero ter a chance de acariciar em algum momento. Seus olhos são tão verdes quanto a grama ao redor da piscina. Quero entrar na água com ela, mas estou com o celular no bolso e uma latinha de cerveja pela metade na mão.

— Já viu aqueles vídeos no YouTube de pessoas que estão morrendo por dentro? — pergunta ela.

Não sei por que ela fez essa pergunta, mas qualquer coisa que tivesse saído de sua boca teria causado o mesmo impacto que aquelas palavras. Sua voz é fina e leve, como se flutuasse naturalmente através de sua garganta.

— Não — respondo.

Ela está um pouco ofegante devido ao esforço para se manter na superfície.

— São um compilado de coisas vergonhosas que acontecem com as pessoas. A câmera sempre dá zoom no rosto delas nos piores momentos. Parece que elas que estão morrendo por dentro. — Ela enxuga a água dos olhos com ambas as mãos. — Você parecia uma delas no palco. Como se estivesse morrendo por dentro.

Não me lembro de vê-la olhar para o palco, muito menos de vê-la me observar tempo o bastante para avaliar com precisão

como me sinto toda vez que sou obrigado a tocar aquele lixo de música para uma plateia.

— Eu já estou morto por dentro. Morri na primeira noite em que toquei com essa banda.

— Imaginei. Gostou de me ver dançar? Eu estava tentando te animar.

Faço que sim e tomo um gole da cerveja.

— Funcionou.

Ela sorri e mergulha por alguns segundos. Ao voltar à superfície, tira o cabelo do rosto e diz:

— Você tem namorada?

— Não.

— Namorado?

— Não.

— Esposa?

Balanço a cabeça.

— Tem amigos, pelo menos?

— Na verdade, não — admito.

— Irmãos?

— Filho único.

— Merda. Você é um solitário.

Mais uma avaliação precisa. Embora, no meu caso, a solidão seja uma escolha.

— Quem é a pessoa mais importante da sua vida? Não vale dizer que são seus pais.

— Agora?

Ela assente.

— Isso. Agora mesmo. Quem é a pessoa mais importante da sua vida?

Penso um pouco na pergunta e percebo que a única pessoa por quem eu levaria um tiro é a minha mãe. Não ligo muito para os caras da banda. Eles estão mais para colegas de trabalho com quem não tenho nada em comum. E como não vale dizer meus pais, esta garota é literalmente a única pessoa em quem consigo pensar agora.

— Acho que você — digo.

Ela inclina a cabeça, estreitando os olhos.

— Isso é meio triste. — Ela ergue os pés e chuta a parede entre minhas pernas, afastando-se de mim. — É melhor eu fazer sua noite valer a pena, então.

O sorriso dela é sedutor. Convidativo.

Aceito o convite e ponho o celular no concreto, ao lado da latinha de cerveja vazia. Tiro a camisa e a vejo me observar enquanto entro na piscina.

Agora estamos no mesmo nível, e, caramba, como foi que ela ficou ainda mais bonita?

Nadamos devagar um de frente para o outro, formando um círculo, com cuidado para não nos encostar, embora seja óbvio que a gente queira isso.

— Quem é você? — pergunta ela.

— O baixista.

Ela ri. A risada é o oposto da sua voz fina. É cautelosa e abrupta, e talvez mais encantadora do que sua voz.

— Qual é o seu *nome*? — esclarece ela.

— Leeds Gabriel.

Ainda estamos nadando um de frente para o outro, em círculos. Ela inclina a cabeça, pensativa.

— Leeds Gabriel é nome de vocalista. Por que está tocando na banda de outra pessoa? — Ela continua falando, e pelo jeito

não espera uma resposta. — Seu nome é por causa da cidade na Inglaterra?

— Isso. Como você se chama?

— Layla — sussurra, como se fosse um segredo.

É o nome perfeito. O único que combinaria com ela. Sem nenhuma dúvida.

— Layla, abre aí — diz alguém atrás de mim.

Olho por cima do ombro, e a noiva está de pé, estendendo algo para Layla. Layla se aproxima, põe a língua para fora e a noiva coloca ali, bem no centro, um pequeno comprimido branco. Layla engole. Eu não faço ideia do que era, mas a cena foi sexy pra cacete.

Ela percebe que estou fixado na sua boca.

— Leeds também quer — diz Layla, estendendo a mão para pegar outro comprimido.

A noiva lhe dá mais um e se afasta. Não pergunto o que é. Não ligo. Quero tanto essa garota que vou ser o Romeu da história e tomar seja lá qual for o veneno que ela quer pôr na minha língua agora.

Abro a boca. Seus dedos estão molhados, e parte do comprimido se dissolveu antes mesmo de encostar na minha língua. É amargo e difícil de engolir sem cápsula nem água, mas dou um jeito. Mastigo uma metade.

— Quem era a pessoa mais importante da sua vida ontem? Antes que eu aparecesse? — pergunta Layla.

— Eu mesmo.

— Eu te tirei do primeiro lugar?

— Parece que sim.

Ela se move de costas com fluidez e naturalidade, como se passasse mais tempo dentro de piscinas do que em terra firme.

Encara o céu outra vez, de braços estendidos, e seu peito sobe quando ela inspira uma imensa quantidade de ar.

Pressiono as costas na parede da piscina e abro os braços, segurando a borda de concreto. Meu coração está começando a bater mais forte. Meu sangue parece mais grosso.

Não sei qual droga ela me deu, mas provavelmente é ecstasy ou outro tipo de estimulante, porque está batendo rápido. Neste momento, estou muito mais consciente de tudo que está acontecendo na minha caixa torácica do que em qualquer outra parte do meu corpo. Meu coração parece inchado, como se não houvesse espaço suficiente para ele.

Layla ainda está boiando de costas, mas seu rosto está perto do meu peito. Ela está bem na minha frente. Se eu me inclinasse um pouco, ela não estaria olhando para o céu. Estaria olhando para mim.

Porra, essa droga é da boa.

Estou me sentindo bem. Confiante.

A água ao nosso redor está tão calma que Layla parece estar flutuando no ar. Seus olhos estão fechados, mas quando o topo de sua cabeça esbarra no meu peito, ela me olha com o rosto invertido em relação ao meu, como se estivesse esperando que eu fizesse algo.

Então faço.

Eu me inclino o suficiente para que minha boca encoste de leve na sua. A gente se beija de cabeça para baixo, com seu lábio inferior entre os meus. Os lábios de Layla são como uma explosão suave que ativa minas escondidas sob cada centímetro da minha pele. É estranho e fascinante porque ela ainda está de costas, boiando na água. Encosto a língua na sua boca e, por algum motivo, sinto que não mereço tocá-la, então deixo

os braços onde estão — segurando a borda da piscina dos dois lados do meu corpo.

Ela mantém os braços estendidos, e a única coisa que move é a boca. Acho bom que nosso primeiro beijo seja de cabeça para baixo, assim, a expectativa para o nosso primeiro beijo direito aumenta pra cacete. Nunca mais vou querer beijar uma garota sóbria depois de tomar seja lá qual droga a noiva tenha nos dado. É como se, a cada batida, meu coração se comprimisse até ficar do tamanho de uma moeda e depois inflasse até atingir o tamanho de um tambor.

Ele não está batendo como deveria. Não está mais fazendo um *tum tum, tum tum, tum tum* suave, e sim um plic e um BUM.

Plic BUM, plic BUM, plic BUM.

Não posso continuar beijando-a de cabeça para baixo. Estou ficando louco, como se a gente não estivesse se encaixando bem, e quero que minha boca se encaixe perfeitamente na sua. Agarro seu pulso e a giro na água até ela se voltar para mim, depois a puxo para perto. Ela envolve as pernas na minha cintura, tira as mãos da água e segura minha nuca, o que a faz afundar um pouco, já que sou a única coisa que a mantém na superfície agora. Mas estou com os braços ocupados demais descendo pelas suas costas, então começamos a afundar e nenhum de nós faz nada a respeito. Nossas bocas se colam um segundo antes de submergirmos. Nenhuma gota de água passa entre nossos lábios.

Afundamos ainda colados. Assim que atingimos o chão da piscina, abrimos os olhos ao mesmo tempo e nos afastamos para olharmos um para o outro. Seu cabelo está flutuando, e ela parece um anjo submerso.

Queria poder tirar uma foto.

Bolhas de ar enevoam o espaço entre nós, então batemos as pernas até voltar à superfície.

Chego dois segundos antes dela. Estamos frente a frente, prestes a nos beijarmos outra vez. Nós nos unimos, na mesma posição de antes. Nossas bocas se procuram, mas, assim que sinto o gosto de cloro nos seus lábios, somos interrompidos por gritinhos.

Consigo ouvir a voz de Garrett acima de várias outras, todos estão sentados, comemorando nosso beijo. Layla olha para trás e mostra o dedo do meio para eles.

Ela se afasta de mim e vai até a extremidade da piscina.

— Vem — diz ela, saindo da água.

O movimento não é delicado. Ela se apoia na borda da parte funda, que fica a um metro e meio da escada, e precisa rolar para cima do concreto para conseguir sair da piscina. É tudo desajeitado e perfeito. Eu a sigo, e, segundos depois, estamos correndo para o lado da casa, mais escuro e reservado. A grama está fria e macia sob meus pés. Parece gelo... só que derretido.

Acho que daria para dizer que parece água. Mas não parece. Parece gelo derretido. *É difícil explicar as coisas quando estamos drogados.*

Layla pega minha mão e cai na grama de gelo derretido, puxando-me para cima dela, no chão. Eu me apoio nos cotovelos para que ela possa respirar e a encaro por um instante. Ela tem sardas, não muitas. Estão espalhadas ao longo do nariz. Algumas nas bochechas. Ergo a mão e passo o dedo nelas.

— Por que você é tão linda?

Ela ri. E com razão. Que brega o que eu acabei de dizer.

Ela me deita de costas e puxa o vestido até as coxas para montar em mim. Suas pernas se colam aos lados do meu corpo, porque

estamos encharcados. Apoio as mãos nos seus quadris e curto a intensidade da viagem.

— Sabe por que chamam esse lugar de *Corazón del País*? — pergunta ela.

Não sei, então apenas balanço a cabeça e espero que seja uma longa história para que eu possa escutá-la falar ainda mais. Poderia escutar sua voz a noite toda. Na verdade, há um cômodo na pousada chamado de Grande Salão, com centenas de livros cobrindo as paredes. Ela poderia passar a noite inteira lendo para mim.

— A tradução é *Coração do País* — diz ela, com os olhos e a voz cheios de entusiasmo. — Este lugar aqui, esta propriedade específica onde você está, é literalmente o centro geográfico da área contígua dos Estados Unidos.

Talvez seja porque estou consciente demais do meu próprio batimento cardíaco agora, mas o que ela disse não faz sentido.

— Por que tem esse nome, então? Não é o coração que fica no centro do corpo, é o estômago.

Ela solta aquela risada rápida e aguda novamente.

— Verdade. Mas *Estomago del País* não soa tão bonito.

Caralho.

— Você fala francês?

— Tenho quase certeza de que é espanhol.

— Tanto faz, foi sexy.

— Só estudei espanhol durante um ano no colégio. Não tenho nenhum talento oculto. A verdade está bem diante dos seus olhos.

— Duvido. — Tiro-a de cima de mim e seguro seus pulsos na grama enquanto rolo para cima dela. — Você é uma dançarina talentosa.

Ela ri. Eu a beijo.

Ficamos nos beijando durante vários minutos.

Mais do que isso. A gente se toca. Se move. Geme.

Tudo está intenso demais — parece que estou cambaleando à beira da morte. Meu coração poderia literalmente explodir no meu peito. Começo a me perguntar se não é melhor a gente parar. Usar drogas e ficar com Layla ao mesmo tempo é demais. Não posso deixá-la enroscada em mim nem um segundo a mais, senão vou desmaiar por causa dessa porra toda que estou sentindo. É como se tivesse nascido uma nova terminação nervosa ao final de cada terminação nervosa. Estou sentindo tudo com o dobro de intensidade.

— Preciso parar — sussurro, tirando as pernas dela de mim.

— Que merda foi essa que a gente tomou? Não consigo respirar.

Deito-me de costas, ofegante.

— Quer saber o que minha irmã te deu, é?

— A noiva é sua irmã?

— Isso, o nome dela é Aspen. Ela é três anos mais velha do que eu. — Layla se apoia no cotovelo. — Por quê? Gostou?

Faço que sim.

— Adorei.

— É intenso, né?

— Porra, demais.

— Aspen me dá toda vez que bebo muito. — Ela se aproxima até encostar a boca no meu ouvido. — É aspirina. — Quando se afasta, meu rosto confuso a faz sorrir. — Achou que estava doidão?

Então por que estou me sentindo assim?

Eu me sento.

— Não era aspirina.

Com uma crise de riso, ela se deita de novo, fazendo o sinal da cruz.

— Juro por Deus. Você tomou uma *aspirina*.

Ela está gargalhando tanto que precisa se esforçar para respirar. Quando finalmente se acalma, dá um suspiro encantador. Cacete, eu acabei de dizer mesmo a palavra *encantador*?

Ela balança a cabeça e me olha com um sorriso suave.

— Você não está se sentindo assim por causa de uma droga, Leeds.

Ela se levanta e vai até a frente da casa. Vou atrás dela mais uma vez porque, se aquilo era mesmo uma aspirina, estou ferrado. Ferrado.

Não sabia que eu podia me sentir tão bem com outra pessoa sem ter nenhum tipo de substância correndo no meu sangue.

Quando entramos na casa, Layla não se dirige aos quartos. Vai até o Grande Salão, aquele repleto de livros e com um piano *baby grand*. Depois de entrarmos, ela fecha a porta e a tranca. Minha calça jeans e o vestido dela estão deixando um rastro de água atrás de nós.

Quando paro e me viro para olhá-la, ela está encarando a água se acumulando nos meus pés.

— O piso é antigo. É melhor a gente respeitar — diz.

Ela tira o vestido encharcado pela cabeça e fica parada no salão pouco iluminado, a um metro e meio de distância, apenas de calcinha e sutiã. Que não combinam. O sutiã é branco e a calcinha tem uma estampa xadrez preta e verde, mas eu adorei o fato de que ela não pensou muito no que usaria por baixo do vestido. Observo-a por um instante, admirando suas curvas e a maneira como ela não tenta se esconder de mim.

Minha ex-namorada tinha o corpo de uma supermodelo, mas nunca se sentia à vontade consigo mesma. O que acabou se

tornando uma das coisas que me irritavam sobre ela, porque, por mais linda que fosse, sua insegurança sempre falava mais alto.

Layla se porta com uma confiança de quem sabe que seria maravilhosa independentemente da sua aparência.

Faço o que ela pediu e tiro a calça jeans, ficando apenas de cueca boxer. Layla pega nossas roupas e as põe sobre um tapete provavelmente mais valioso do que o piso, mas se ela prefere assim, tudo bem.

Dou uma olhada ao redor e vejo um sofá marrom de couro envelhecido encostado na parede perto do piano. Quero jogá-la nele e me perder dentro dela, mas Layla tem outros planos.

Ela puxa o banco do piano e se senta.

— Você sabe cantar? — pergunta, pressionando algumas teclas.

— Sei.

— Por que não canta no palco?

— A banda é do Garrett. Ele nunca me pediu para cantar.

— Garrett? É o nome do vocalista?

— Isso.

— Ele é tão ruim quanto a letra das músicas dele?

A pergunta me faz rir. Balanço a cabeça e me sento ao seu lado no banco.

— Ele é terrível, mas não tanto quanto as letras.

Ela aperta o dó central no piano.

— Ele tem inveja de você? — pergunta.

— Não tem por quê. Sou só o baixista.

— Ele não é bom o bastante para ser vocalista. Você é.

— Essa é uma afirmação e tanto. Você nunca me ouviu cantar.

— Não importa. Você pode até ser péssimo, mas todos os outros desaparecem no cenário quando você está no palco.

— Do mesmo jeito que o restante da multidão desaparece quando você está dançando?

— Eu era a *única* pessoa dançando.

— Viu? Nem percebi.

Ela se aproxima, deixando-me à espera de um beijo, mas em vez disso sussurra na minha boca:

— Toca algo pra mim. — Depois vai até o sofá e se deita. — Algo digno desse piano.

Ela cruza as pernas na altura dos tornozelos e deixa um braço pender para fora do sofá. Passa o dedo no piso de madeira enquanto espera que eu comece a tocar, mas não consigo parar de olhá-la. Não sei se existe alguma outra mulher no mundo que me deixaria com esta vontade de encará-la, sem piscar, até meus olhos secarem, mas Layla está me olhando com expectativa.

— E se você não gostar da minha música? Vou poder te beijar mesmo assim? — pergunto.

Ela sorri delicadamente.

— Essa música é importante para você?

— Eu a compus com todo meu coração.

— Então não precisa se preocupar — diz ela baixinho.

Eu me viro no banco e coloco os dedos nas teclas. Antes de começar, hesito por um momento. Nunca mostrei essa música a ninguém. A única pessoa para quem eu já quis tocá-la é meu pai, mas ele não está mais vivo. Ela foi inspirada na morte dele.

Nunca me senti nervoso ao tocar as músicas de Garrett no palco, mas isto é diferente. É pessoal. Embora minha audiência seja só uma pessoa, parece que nunca me apresentei para uma plateia tão intensa.

Encho os pulmões de ar e expiro devagar enquanto começo a tocar.

Naquela noite, eu *parei* de acreditar no céu
Não consigo acreditar num Deus tão cruel

E você?

Naquela noite, eu parei de rezar de joelhos
Mas também não rezo de pé

E você?

Naquela noite, eu fechei a porta e a janela
Tenho ficado no escuro

E você?

Naquela noite, percebi que felicidade é um conto de fadas
Mil páginas lidas em voz alta

Por você

Naquela noite, eu parei de acreditar em Deus
Você era nosso, mas ele não se importou,

Ele te levou

Naquela noite, eu parei...

Eu parei...

Eu só

Parei.

Naquela noite, eu parei.

Eu parei.

Eu só parei.

Naquela noite, eu parei.

Eu...

Quando termino de tocar, ponho as mãos no colo, hesitando um pouco em virar para olhá-la. Depois que toquei a última nota, o salão inteiro ficou silencioso. Tão silencioso que parece que todo o som foi sugado para fora da mansão. Não consigo ouvir nem a respiração de Layla.

Fecho a tampa do piano e me viro devagar no banco. Ela está enxugando os olhos e encarando o teto.

— Caramba — sussurra. — Não estava esperando por isso. Parece que você esmagou meu peito.

É assim que me sinto desde que a vi pela primeira vez esta noite.

— Gostei do final — diz ela, sentando-se sobre as pernas. — Você parou no meio da frase. É tão perfeito. Tão forte.

Eu não tinha certeza de que ela perceberia o fim proposital, mas o fato de ela ter percebido me deixa ainda mais encantado.

— Onde posso escutar essa música? Está no Spotify?

Balanço a cabeça.

— Nunca lancei nada meu.

Ela me olha fingindo estar horrorizada e dá um tapa no braço do sofá.

— Como é que é? Por que não, cacete?

Dou de ombros.

— Não sei. — Não sei *mesmo*. — Talvez porque, em Nashville, todo mundo pensa que é alguém. Não quero ser alguém que pensa que é alguém.

Ela se levanta e se aproxima de onde estou, sentado no banco. Empurra meus ombros até que eu me encoste no piano, depois monta em mim, com os joelhos apoiados no banco. Agora estou olhando para ela, e ela está segurando meu rosto entre as mãos, seus olhos semicerrados enquanto fala:

— É egoísmo guardar suas músicas só para você. É melhor ser um alguém altruísta do que um ninguém egoísta.

Acho que gostei de conhecer essa garota.

Tipo, *muito*.

Seguro sua nuca e aproximo sua boca da minha. Não faço ideia do que está acontecendo. Faz um tempo do cacete que não gosto o bastante de uma garota a ponto de me perguntar onde ela vai estar no dia seguinte.

Mas... onde Layla vai estar amanhã?

Onde ela estava ontem?

Onde ela mora?

Onde ela cresceu?

Quem é a pessoa preferida *dela* neste momento?

Quero saber tudo. Tudo.

Layla interrompe o beijo.

— Aspen me alertou quando percebeu que eu estava te encarando mais cedo. Ela falou “Promete que vai ficar longe dos músicos. A maioria deles deve ter clamídia”.

Dou uma risada.

— E você prometeu que ia ficar longe de mim?

— Não. Eu falei “Não tem problema se ele tiver clamídia. Ele deve ter camisinhas também”.

— Eu não tenho clamídia. Mas também não tenho camisinha.

Ela se afasta de mim e se levanta.

— Tudo bem. Tenho uma no meu quarto.

Ela se vira e caminha em direção à porta.

Pego nossas roupas molhadas e sigo-a para a escada, fora do salão. Ela não faz um convite direto, mas dá para perceber que quer que eu a acompanhe até seu quarto, porque continua falando enquanto sobe os degraus.

— Faz tempo que não faço isso — diz por cima do ombro.

— Só tenho camisinha porque ganhei na despedida de solteira.

— Ela se vira, parando num dos degraus. — Eu não tinha percebido o quanto era difícil transar com alguém no mundo real.

Na faculdade, a pessoa nem precisa se esforçar, mas depois... *argh*. — Ela se vira e recomeça a subir a escada. Abre a porta do quarto e eu entro depois dela. — O problema para transar depois da universidade é que eu odeio sair com desconhecidos. É muito demorado. Você tem que passar a noite inteira com alguém depois de perceber, nos primeiros cinco minutos, que é uma perda de tempo.

Concordo. Gosto muito mais da ideia de apostar todas as fichas. Sempre quis conhecer alguém com quem me daria bem de imediato e em quem eu simplesmente me *mergulharia* de vez.

Não sei se Layla é essa pessoa, mas foi o que pareceu quando atingimos o fundo da piscina. Foi o beijo mais intenso da minha vida.

Layla pega a roupa molhada das minhas mãos e a leva até o banheiro. Ela a joga embaixo do chuveiro e, na volta, diz:

— Você devia largar a banda.

Ela deve ser a pessoa mais imprevisível que já conheci. Até mesmo suas frases mais simples me pegam de surpresa.

— Por quê?

— Porque você está infeliz.

Ela tem razão, estou mesmo. Nós dois vamos para a cama.

— Você trabalha com o quê? — pergunto.

— Estou desempregada. Fui demitida na semana passada.

Ela se senta com as costas contra a cabeceira. Eu me deito no travesseiro do meu lado, olhando-a. Estou com o rosto perto do seu quadril. É estranho, mas sensual, ficar tão perto da sua coxa. Pressiono os lábios nela.

— Por que te demitiram?

— Eles não queriam me dar folga no dia do casamento de Aspen, então faltei ao trabalho. — Ela desliza e se deita na cama,

imitando minha posição. — Sua cueca ainda está molhada. É melhor a gente tirar o restante da roupa.

Ela é atirada, mas eu gosto.

Seguro sua cintura e a puxo para cima de mim. Encaixo-a tão perfeitamente que ela arfa. Sou mais alto, então seu rosto não alcança o meu, mas quero beijá-la. Ela deve estar querendo me beijar também, pois sobe pelo meu corpo até nossas bocas se encontrarem.

Não sobraram muitas peças de roupa para tirar, então parece que poucos segundos se passam antes de estarmos nus debaixo da coberta e quase chegando ao ponto de não nos importar mais com a camisinha. Mas não conheço esta garota nem ela me conhece, então fico esperando enquanto ela tateia pelo quarto escuro até encontrar sua bolsa. Depois que ela acha a camisinha e me entrega, ponho o braço debaixo da coberta e começo a colocá-la.

— Acho que você tem razão — digo.

— Sobre o quê?

Rolo para cima dela, Layla afasta as pernas para me encaixar.

— Eu devia largar a banda.

Ela assente, concordando.

— Você seria mais feliz tocando sua própria música, mesmo que não ganhe dinheiro com isso. — Ela me beija rapidamente antes de se afastar. — Arranje um emprego que você ache tolerável. Lance sua música no tempo livre. É melhor ser pobre e se sentir realizado do que... ser pobre e se sentir vazio. Eu ia dizer “ser *rico* e se sentir vazio”, mas acho que você não é rico, senão não estaria tocando com aquela banda.

Eu até diria a ela que não sou pobre, mas admitir que toco com a banda de Garrett por vontade própria e não por necessidade é meio vergonhoso, então prefiro não dizer nada.

— Se for para ser pobre, é melhor ser um pobre feliz — acrescenta.

Ela tem razão. Beijo seu pescoço, depois seu seio. E depois minha boca encosta na sua outra vez.

— Acho que gostei de conhecer você.

Ela se afasta um pouco e sorri para mim.

— Você *acha que gostou?* Ou *gostou?*

— Gostei. Gostei *muito* de conhecer você.

Ela passa os dedos na minha boca.

— Eu gostei muito de conhecer *você*.

Nós nos beijamos mais um pouco, cheios de uma expectativa preguiçosa, como se soubéssemos que não precisamos nos apressar porque temos a noite inteira. Mas já coloquei a camisinha, e ela já está me guiando para dentro dela.

Mesmo assim, vou com calma. Muita calma.

Os minutos parecem mais valiosos quando estou com ela.

* * *

Layla está deitada de bruços, e meus dedos sobem pela suave curva de sua coluna.

Chego à base da sua nuca, passo os dedos no seu cabelo e acaricio a parte de trás de sua cabeça.

— Estou louca para comer um taco — diz ela.

Nunca quis tanto entrar na cabeça de alguém quanto quero entrar na de Layla. Sua mente não funciona como as outras. Não há nenhum filtro entre seu cérebro e sua boca, nenhum peso na consciência sobre alguma coisa que possa ter dito. Ela simplesmente fala o que quer, sem remorsos. Mesmo quando suas palavras ferem.

Nesta noite, descobri como uma franqueza brutal era sexy.

Alguns minutos atrás, falei que tinha sido a melhor transa da minha vida. Achei que ela fosse retribuir o elogio, mas Layla só sorriu e disse:

— A gente sempre acha isso na hora. Mas depois aparece uma pessoa nova e a gente esquece o quanto achava que tinha sido bom, então o ciclo recomeça.

Dei risada. Achei que era uma brincadeira, mas não era. Depois pensei sobre o assunto e percebi que ela tinha razão. Perdi a virgindade aos quinze anos. Achei que nunca teria uma experiência melhor. Mas quando fiz dezesseis, Victoria Jared apareceu e se tornou a melhor transa da minha vida. Depois Sarah Kisner, e a garota que entrava escondida no meu dormitório no primeiro ano da universidade, e mais duas ou três depois dela, e, em seguida, Sable. Na hora, eu sempre pensava que era impossível ficar melhor. Mas talvez todas fossem igualmente boas.

Nenhuma delas se compara a Layla. Tenho certeza. *Tanta certeza quanto tive todas as outras vezes.*

— Você é uma pessoa religiosa? — pergunta Layla.

Seus pensamentos são tão esporádicos e intensos quanto suas ações. Acho que é esse o motivo pelo qual ela mexe tanto comigo. Num instante, está deitada de costas, gritando meu nome enquanto crava as unhas nos meus ombros. No outro, de braços, dizendo que está louca para comer um taco. No minuto seguinte, esquece os tacos e quer saber se sou uma pessoa religiosa. Adoro isso. A maioria das pessoas é previsível. Todas as palavras e ações de Layla parecem uma caixinha de surpresas.

— Não. Você é?

Ela dá de ombros.

— Acredito em vida após a morte, mas não sei se sou religiosa.

— Acho que existir é só uma questão de sorte. A gente está aqui por um tempo, depois não está mais.

— Que deprimente.

— Na verdade, não. Imagina como deve ser o céu. A positividade infundável, os sorrisos, a ausência de pecado. A ideia de viver eternamente num lugar cheio de pessoas que passaram a vida declamando frases motivacionais parece muito pior do que pensar que tudo acaba quando a gente morre.

— Não sei se acredito *ness*e tipo de vida após a morte. Eu penso na existência mais como uma série de planos diferentes se sobrepondo. Talvez o céu seja um deles. Talvez, não.

— Que tipo de planos?

Ela se deita de lado, e, quando meus olhos pousam em seus seios, ela não tenta me obrigar a fazer contato visual. Em vez disso, puxa minha cabeça de encontro ao seu peito enquanto se deita de costas. Descanso a cabeça ali, com a mão cobrindo um de seus seios, enquanto ela mexe nas mechas do meu cabelo de modo casual e continua falando.

— Pensa comigo. O útero é um plano de existência. Quando a gente era um feto, não se lembrava da vida antes do útero nem sabia se existiria algo depois. Só conhecia o útero. Mas então a gente nasceu, saiu de lá e entrou no nosso plano de existência *atual*. Agora não consegue mais se lembrar de quando era um feto nem faz ideia do que vem depois. Quando nossa vida atual terminar, vamos entrar num plano totalmente diferente, e talvez a gente não se lembre *deste*, como não se lembra de quando estava no útero. São só planos diferentes. Um depois do outro, depois do outro. Sabemos, com certeza, que alguns existem. Em outros, a gente só *acredita*. Talvez haja planos que nunca imaginamos. Eles podem ser infinitos. Não acho que a gente realmente morra.

A explicação dela faz sentido, ou vai ver estou mais suscetível à ideia porque minha boca está no seu seio. Pego outra camisinha enquanto reflito sobre sua teoria, que me parece mais plausível do que os portões do Paraíso e os tormentos do Inferno.

Continuo convencido de que não existe nada depois da vida e da morte.

— Se você estiver certa, este plano aqui é o meu favorito — digo, cobrindo seu corpo com o meu.

Ela abre as coxas para mim e sorri nos meus lábios.

— Só porque está nele.

Balanço a cabeça enquanto a penetro.

— Não. Ele é o meu favorito porque estou em *você*.